

REPORTAGEM LITERÁRIA

MAR MORTO - CRÍTICAS E CRÔNICAS - A LUZ NO SUBSOLO

O Dia – 04 de agosto de 1936.

O momento literário nacional caracteriza-se especialmente pelo aparecimento de grande número de romancistas e todos eles, pela técnica e concentração poética, bons romancistas.

Para nós, críticos e consumidores de livros, para todos nós que assistimos aqui de fora o florescimento de belas inteligências, a chegada desses romancistas traz um grande contentamento íntimo: já se pode viver do romance brasileiro.

Ainda agora, acabo de receber três livros, e, dos três livros recebidos, dois deles são romances. E romances de clima bem nosso, de personagens totalmente, brutalmente brasileiros na vida, nas aspirações humanas, no sentimento poético e nos amores achegados à carne.

E entre os dois romances, um ligeiro livro de estudo sereno, meditado, calmo, sem os grandes imprevistos da obra poética, mas com a simplicidade do espírito crítico, acolhedor de idéias e condensador de sensações.

Ao leitor despreocupado, parecerá notável que um escritor, em curto lapso de tempo, possa aparecer em público, sobraçando uma série de romances

interessantíssimos, como está acontecendo com o sr. Jorge Amado. Nada menos que cinco romances – romances fortes e concentrados – de três anos a esta data. E, em todos eles, desde “Cacau” até esse barulhento “Mar Morto”, em todos eles, sobressai sempre, de maneira admirável, a finura da inteligência do romancista. Mesmo “Suor”, o mais atacado dos livros do sr. Jorge Amado, é para mim uma das nossas maiores obras de ficção, pelo contraste da vida, pela mudança rápida de aspectos e panoramas, pela rudeza, pela secura, pela ainda feroz e escondida rebeldia de toda gente que sofre neste Brasil.

Dizem haver uma técnica para a confecção de um romance. Eu mesmo acredito na existência dessa técnica, como já muitas vezes tenho demonstrado em minhas pequenas “reportagens literárias”. Mas não de um modo absoluto. Albert Bérard sentiu bem esse fato quando mostrou, de acordo com a psicologia moderna, a permanência, dentro em nós, de diferentes elementos que formam, com o tempo, variadas individualidades. Ainda há pouco, também Benjamin Cremieux fazia essa observação. Para cada escritor, uma só técnica: o estado de espírito; a saturação espiritual, no entanto, pode desvirtuar essa técnica que, longe de ser resultante do amadurecimento intelectual, provém da formação mental e das condições psíquicas. É entre nós o caso de Jorge Amado e Lins do Rego, de um lado. E Lúcio Cardoso, Érico Veríssimo e Jorge de Lima do outro lado. O que eu quero dizer com isso é que o sr. Jorge Amado é um verdadeiro romancista. Verdadeiro e grande romancista. Quem vem acompanhando pode dizer o mesmo, certo de estar dizendo uma verdade. E “Mar Morto” vem confirmar o talento do sr. Jorge Amado.

“Mar Morto” ultrapassa a “Cacau” e segue junto a “Jubiabá” como livro adjetivo, espontâneo e sincero. Em “Mar Morto” não é o social em si que preocupa o sr. Jorge Amado: é o humano, o sofrimento e o amor, a luta contra os elementos, a tragédia íntima desses espíritos que vivem junto ao mar, nascem do mar, abrem caminhos no mar e, quando morrem, vão para o mar. Livia e Guma são figuras estonteantes de realidade, cheirando a mar, vivendo do mar e para o mar, livres no amor, na vida, livres até a morte... “Mar Morto” define para sempre o sr. Jorge Amado: – um grande romancista!

O sr. Homero de Barros é figura bastante conhecida na imprensa curitibana. Conhecida e admirada. Estudioso do português, o seu livro “Críticas e Crônicas”, coletânea de artigos escritos quase que diariamente, oferece trabalhos interessantíssimos sobre personalidades como a de Liberato Bittencourt, José de Sá Nunes, Julio Teodorico, mestres a quem o sr. Homero de Barros rende tributos sinceros de amizade e admiração.

Eu conheço o sr. Homero de Barros um pouco de perto. Sei que é um espírito virado para as coisas sérias. E, se não o conhecesse, bastariam os pequenos trabalhos “à margem de Mirkine”, “a arte de escrever” e “a colonização alemã no Paraná”, para tê-lo entre os que muito se “alimentam” nesta terra displicente.

“Críticas e crônicas” não é tudo o que poderia dar-nos o sr. Homero de Barros. Sei que a nossa crítica bonacheirona há de elogiar muito esse livrinho. Eu fico apenas no seu registro porque espero muito dos homens que estudam, e o sr. Homero de Barros, entre nós, é um dos poucos.

O sr. Lúcio Cardoso surgiu há mais ou menos dois anos com o seu ótimo “Maleita”. Logo após, publicou “Salgueiro”. Entre os dois eu interponho um abismo. “Maleita” é livro de romancista autêntico. “Salgueiro” deixa muito a desejar. Ambos são livros audazes. A diferença entre os dois parece estar na visão da realidade que impressionou o sr. Lúcio Cardoso. O primeiro tem amplidão. O segundo é estreito, revela certa precocidade, é quase sem vida apesar de bastante movimentado.

“A luz do subsolo” completa o romancista no sr. Lúcio Cardoso. É um romance surpreendente, inesperado, diferente. Depois dos srs. Jorge Amado e José Lins do Rego, estava-nos mesmo faltando um escritor da têmpera do sr. Lúcio Cardoso. “A luz do subsolo” é um retrato vivo, uma experiência terrível, um drama alucinante e comovedor. Retrato de nossos dias, experiência de nossa hora, drama alucinante e comovedor do homem moderno.

Cenas de arrepiar atrozes, emocionantes, cenas dignas da pena e do espírito de um Dostoiewski ou de um Gogol, a tristeza e a inquietação, a incerteza e a dor d'alma fazem de “A Luz no Subsolo” um livro triste mas real, inconcebível mas verdadeiro.

Tais adjetivações parecem demasiadas para um escritor que entrou há pouco na casa dos vinte anos. Só quem conhece de perto a obra do sr. Lúcio Cardoso, principalmente esse “A Luz no Subsolo”, poderá avaliar a invulgaridade da inteligência desse moço escritor. E espero ainda, sobre ele, dizer muita coisa boa, que o espaço de uma simples nota crítica não permite.